



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



TEDY, O CURIOSO

Por MANOEL VIEIRA CLARO



EDY, havia levado todo o dia pedindo a seu pai que o deixasse ir à sessão que naquela noite se realizava.

Logo de manhã, ao ir para a escola, viu que a frontaria do cinema, que existia na mesma rua em que morava, se encontrava, na maior parte, coberta por enormes cartazes que anunciavam o filme que, naquela noite, se exhibia, notando, logo à primeira vista, que eram duas fitas das que mais lhe agradavam; polícias, bandidos mascarados, escaladas de prédios altíssimos, perseguições em toda a espécie de veículos, etc., etc.

Resolveu, por isso, pedir a seu pai que o deixasse assistir à sessão daquela noite.

Este, a princípio, recusou-se a satisfazer-lhe a vontade, mas Tedy tanto insistiu que veio a conseguir o almejado consentimento.

Desde então muito lhe custou a passar o tempo!

Parecia-lhe que todos os relógios haviam parado.

Faltavam ainda 30 minutos para a hora marcada, quando Tedy se encaminhou para a porta do cinema, com o fim de comprar o seu bilhete de entrada, não fossem esgotar-se.

Mas a bilheteira ainda se conservava fechada e Tedy, como curioso que era, não pôde resistir à tentação de espreitar por uma porta que estava entreaberta.

Nunca o tivesse feito porém, pois viu que um dos empregados tinha acabado de pintar, num enorme papel, o seguinte aviso:





«Por ordem superior, é expressamente proibida a entrada a menores de 16 anos durante a exibição do filme que hoje se estreia». — O Empresário.

Quando acabou de lêr, teve que se encostar à parede para não cair, pois as pernas, vergando como uns juncos batidos pelo vento, pareciam negar-se a sustentar o peso do corpo.

Esteve assim alguns minutos, até que, abrindo a bilheteira, teve que se retirar para não ser notado pelas pessoas que iam aparecendo para adquirir os seus bilhetes, pois foi-lhe impossível sustentar por mais tempo as lágrimas que agora escorriam pelas faces em grande abundância. Ainda pensou em dizer que tinha 17 anos, êle que apenas contava 14, mas desistiu do seu intento pois quem o visse não lhe daria mais de onze ou doze.

Deixava de ver o filme que tanto havia de gostar!

Oh! como êle odiava o empresário!

Já em casa e sem nada responder às perguntas de seu pai, que o não esperava tão cedo, resolveu ir deitar-se.

As horas passaram, a sessão acabou há muito e Tedy não conseguia adormecer.

A rua, completamente deserta, estava mergulhada na maior escuridão. Um relógio deu as duas da madrugada. O silêncio era enorme, apenas interrompido de vez em quando pelos suspiros de Tedy, que, dando mil voltas na cama, parecia querer passar aquela noite sem cerrar os olhos.

De repente, um enorme e prolongado assobio se ouviu, mas Tedy nem se mexeu, pouca importância ligando ao caso.

Mas o assobio tornou-se a ouvir, desta vez mais prolongado. Um tanto intrigado, não pôde resistir à curiosidade e, levantando-se da cama, dirigiu-se para a janela, por onde pôde ver, por dentro dos vidros, o seguinte:

Na rua, mesmo em frente à sua casa, encontrava-se um

vulto, que, voltado para o prédio fronteiro, parecia esperar que alguém aparecesse a qualquer das inúmeras janelas.

Seria êle quem haviam assobiado?

Breve teve a confirmação pois outro assobio, o terceiro, se ouviu, mas, desta vez, uma luz apareceu numa das mais altas janelas do prédio que toda a gente julgava deshabitada há muito tempo, luz essa que, como uma resposta, se acendeu e apagou três vezes seguidas. Logo a seguir o vulto entrou.

Tedy, cada vez mais intrigado, sentiu desejos de saber o que se passava dentro daquela casa e, vendo que o vulto não havia fechado a porta, talvez por esquecimento, vestiu-se e, apenas com as meias calçadas, para não acordar seu pai que dormia no quarto contíguo, atravessou um pequeno corredor ao fim do qual estavam as escadas cujos degraus desceu rapidamente, breve se encontrando na rua. Esteve quasi resolvido a voltar para trás, mas a curiosidade era mais forte do que o medo que sentia.

Atravessando a rua, numa corrida, foi colocar-se ao lado da porta, não fôsse estar alguém escondido atrás dela.

Depois de se certificar de que tal não sucedia pois nenhum ruído se ouvia, atreveu-se a entrar. Era enorme a escuridão. Metendo primeiro a cabeça, depois o resto do corpo, encontrou-se num pequeno pátio. Tateando às apalpadelas, esbarrrou com uns degraus de pedra que começou a subir com bastante receio. Já no meio das inúmeras escadas, mais uma vez pensou em voltar para trás mas mais uma vez a curiosidade venceu o medo que sentia. Nem o mais pequeno ruído que indicasse a presença de alguém.

— «Onde se terá metido esta gente? Estarão mais para cima? Já terei passado por êles? Maldita escuridão! Se, ao menos, tivesse uma luz!...»

De repente, como que para lhe satisfazerem a vontade, uma luz brilhou no cimo das escadas, luz forte que lhe cegava os olhos habituados às trevas e que era empunhada por um homem cujo rosto Tedy não pôde vêr por se encontrar coberto com uma máscara.

A primeira idéa de Tedy, foi fugir, mas teve que a pôr de parte, por ter constatado que de todos os lados surgiam



rostos que, num riso sarcástico, lhe pareciam querer indicar as pistolas que empunhavam, apontadas na sua direcção.

Tedy, sentindo-se perdido, quiz gritar, chamar por socorro, mas a voz ficou-lhe na gargante.

Uma forte pancada na cabeça fê-lo desmaiar,

Quando voltou a si, encontrou-se encerrado num acanhado compartimento. As paredes, em pedra, encontravam-se completamente molhadas pela humidade que por elas escorria. O leito em que se encontrava deitado era constituído apenas por um pequeno monte de palha. Por uma pequena abertura que se encontrava a grande altura, entravam uns apagados raios de luz, insuficientes para se distinguir o alto teto da masmorra mas o bastante para Tedy ver que o dia já havia rompido.

Foi difícil lembrar-se de qual o motivo porque ali se encontrava, o que só com muita dificuldade pôde conseguir. Procurou levantar-se mas umas dores horríveis, por todo o corpo, disso o impediram.

Uns ruídos, vindos do exterior, indicaram-lhe que alguém se aproximava. Um pequeno estalido se ouviu e uma pedra, deslocando-se do resto da parede, deu entrada a um homenzarrão com uma cara que meteria medo à pessoa mais corajosa e que, com uma voz que mais parecia um trovão, se dirigiu a Tedy, nos seguintes termos:

— Olha lá, oh tu! Trata de me seguir como um cachorro, pois o patrão quiere que tu desenferruges a língua diante da sua pessoa!

— Mas eu não posso dar um passo; lastimou-se Tedy, julgando ver chegada a sua última hora.

— Olha! áse queres que te vá arranjar um «atimível»! Não queres lá ver o menino! Anda! Mexe-te! O chefe nunca gostou que o fizessem esperar! Se não queres ir a bem, vais a mal! Não faltava ver mais nada, senão ter que te levar ao colo. Em lugar de dares graças ao Diabo por não teres tido a mesma sorte que outros, mais finos do que tu, ainda te estás a pôr exigente!... Vamos! despacha-te!

E, agarrando-o por um braço, o bandido levou-o aos encanções na sua frente.

Depois de o fazer subir umas escadas cujos degraus, em pedra, se encontravam gastos pelo tempo, atravessaram um comprido corredor, ao fim do qual havia uma porta que, á sua chegada, se abriu, sem que pessoa alguma lhe tocasse.

Uma luxuosa sala havia para lá daquela porta.

— Entra e espera que venha o chefe.
Tedy entrou. O bandido havia desaparecido.
Ao encontrar-se só, começou Tedy a pensar na possibilidade de poder fugir.

Mas enganou-se. Um reposteiro, abrindo-se, deu entrada a um homem de estatura regular, completamente vestido de negro e tendo o rosto coberto por uma máscara também negra. Na mão direita segurava um revólver que, á vista de Tedy e vendo que nada tinha a recear dele, colocou em cima de uma mesa. Devia ser o chefe.

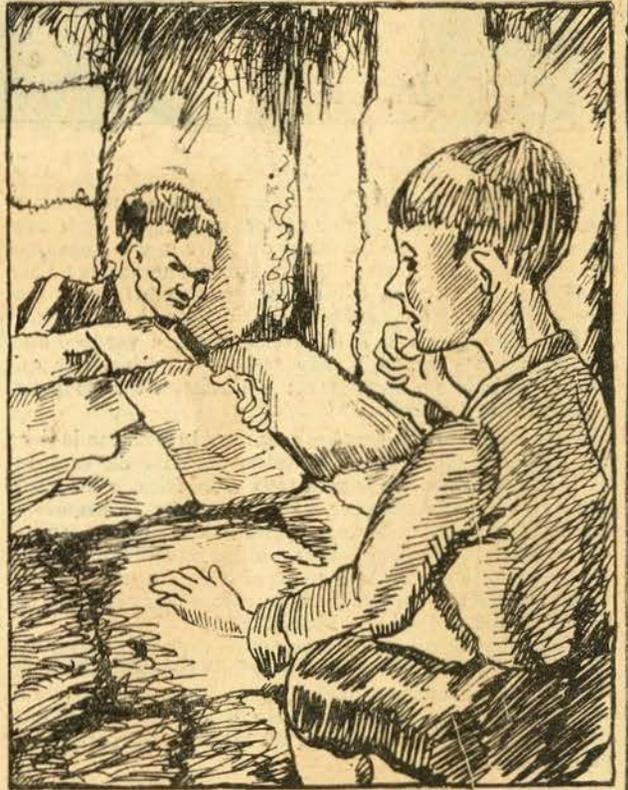
Tedy não pôde deixar de tremer á vista de tal personalidade. Os olhos que ele via, através dos dois buracos da máscara, nada tinham de tranquilisadores.

— Com que então o menino achou, por bem, vir meter o narizinho onde não era chamado, sem, ao menos lhe passar por essa cabecinha ôca, que vinha a ficar «engavetado»? !...

Com que fim? Com certeza não foi outro senão este! E pegando num jornal, que se encontrava em cima de uma cadeira de belo estofado, colocou-o diante dos olhos de Tedy que mal teve tempo de lêr, logo na primeira página, em letras enormes, o seguinte:

«A polícia de New-York oferece a quantia de VINTE MIL DOLARS á pessoa que lhe forneça um indício sobre o esconderijo do célebre bandido «Gavião Negro», logo que esse indício leve á prisão tão terrível assassino. E' já de 16 o número de pessoas que «Gavião Negro» fez desaparecer misteriosamente».

— Juro-lhe, por tudo o que para mim tenho de mais sagrado, que ignorava essa noticia! Conheço o seu nome como toda a gente conhece, mas, torno a jurar-lhe, nunca me passou pela cabeça meter-me nos seus negócios! Moro na

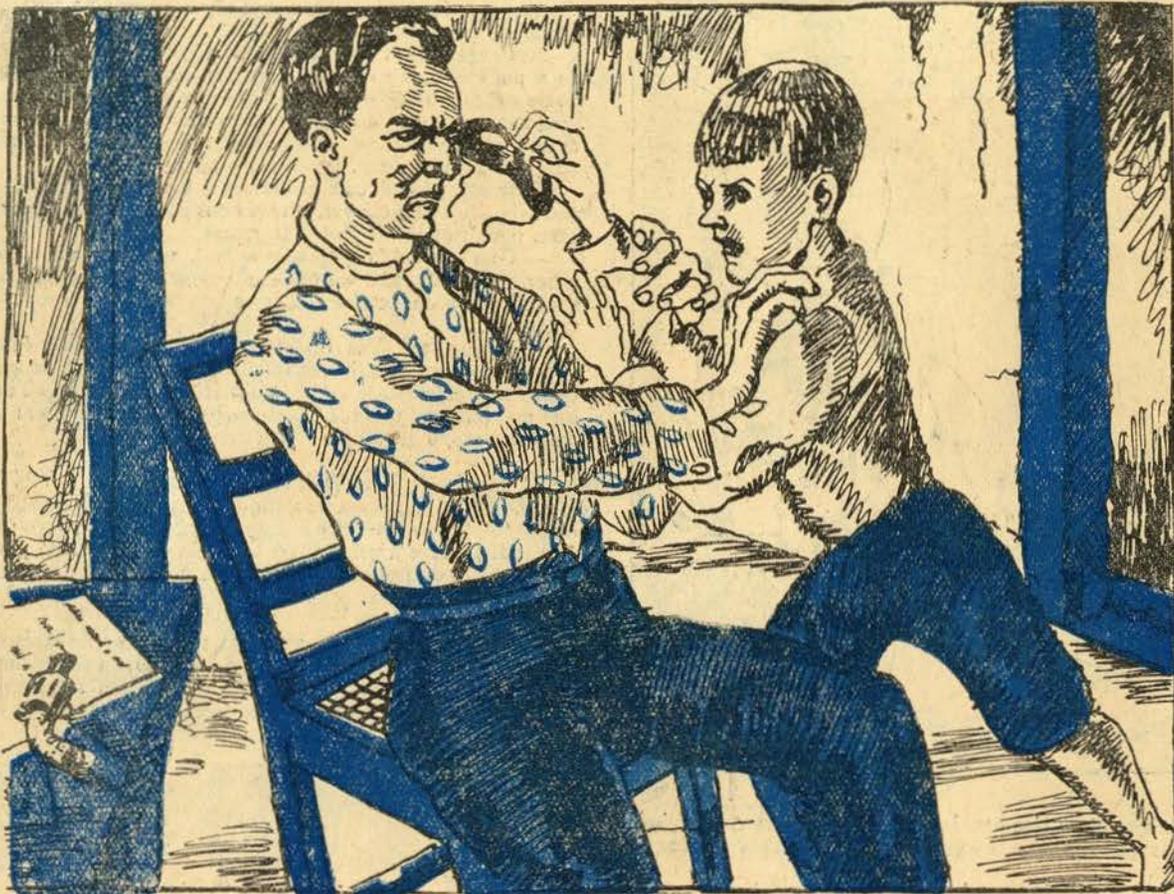


casa que fica em frente, e vendo-o entrar, por uma maneira bastante estranha num prédio que todos julgavam deshabitado, tive a maldita idéa de averiguar o que cá dentro se passava! Nenhum outro motivo me levou a seguir-lhe os passos além da maldita curiosidade!...

— Então, tu és curioso? Deixa que te diga que é um feio costume; feio e perigoso, como viste! Sabes, por acaso, a sorte que te espera?

Tedy chorava... os soluços embargavam-lhe a voz,

— Pois meu amigo! como deves saber não é muito ai-ro



so que te mande embora, por maior que seja a minha vontade em o fazer, pois tenho a certeza que, depois de te apanharem ao ar livre, não deixarias de bater com a língua nos dentes! E depois... Mau! Agora temos choradeira! Calate lá, pois se alguma coisa fizer por ti, não são as tuas lágrimas que a isso me levam! Cala o biquinho e talvez...

Não pôde concluir. Tedy desesperado, e vendo o mascarado a pouca distância, não resistiu à curiosidade que desde o princípio o martirizava: — Conhecer o rosto que se ocultava com uma máscara!

Num salto, lançou-se sobre o mascarado arrancando-lhe a venda. O que então viu, fê-lo soltar um grito de espanto!

O bandido que horrorizava toda a América, o assassino que havia feito desaparecer misteriosamente 16 pessoas, o mascarado nas mãos de quem tinha caído, enfim, o temível «Gavião Negro» a quem toda a polícia procurava deitar a mão, não era outro senão o empresário do cinema que existia na mesma rua em que Tedy morava e que por todos era tido como um exemplo de honestidade!

Vendo-se descoberto o mascarado, cego pela raiva, deu tão grande sôco em Tedy, que este foi cair a alguns metros de distância. Próximo a perder os sentidos, ainda ouviu as seguintes palavras proferidas pelo bandido: — «Não falarás... Ditaste a tua sentença de morte... A curiosidade perdeu-te...»

Quanto tempo esteve desmaiado não o pôde dizer.

Quando abriu os olhos, encontrou-se encerrado num pequeno compartimento, onde se tornava dificultosa a respiração.

Ignorava por onde o haviam metido ali, pois não existia o mais pequeno indício de qualquer porta ou janela. As paredes, de ferro, não continham a mais pequena abertura e, no entanto, lá dentro a claridade era grande. Por onde entraria a luz? Impossível se tornou a Tedy descobri-lo.

Há quanto tempo se encontrava Tedy naquela maldita casa?! Já teria seu pai dado pela sua falta? Que sorte lhe estaria reservada? Para nenhuma destas perguntas encon-

trou Tedy resposta. Desesperado pelo que fi chorava... chorava...

Desanimado, sem esperança alguma de ser salvo, pois que seu pai, embora o procurasse por todos os lados, nunca o iria fazer áquela casa que, como todos, julgava deserta, adormeceu.

Pouco durou o sono pois Tedy sentiu qualquer coisa embarrar-lhe nos pés. Sentou-se, e o que viu fê-lo esfregar os olhos, julgando estar sonhando. O compartimento que antes de adormecer tinha 8 metros de comprimento, não media agora mais de metro e meio!

Ter-me-lam mudado de prisão durante o meu sono? É impossível! Teria despertado! Só se...

Não terminou. Quiz gritar, gritar muito, mas a garganta negava-se a emitir o mais pequeno som.

Havia notado que o compartimento era o mesmo mas que uma das paredes de ferro avançava lentamente e que, a continuar assim, em breve o esmagaria de encontro á outra.

Puxando por todas as suas forças, tentou evitar o andamento mas teve que se conformar com a sua sorte, pois a parede parecia rir do grande e inútil esforço que faziam para lhe impedir o caminho.

O compartimento já não tinha um metro e a parede avançava cada vez mais...

Tedy não chorava. De olhos estarecidos pelo medo, esperava, quieto como uma estátua, que as paredes, juntando-se, lhe esmagassem o pequeno corpo.

O espaço era já insuficiente para se poder voltar, sentindo-se bastante apertado.

Num instinto de conservação, num último arranco, mais uma vez se esforçou por impedir o andamento da parede mas, como era de esperar, nada pôde conseguir. No espaço que agora existia, era-lhe impossível fazer o menor movimento. Viu chegar a sua última hora. Faltava-lhe já a respiração.

Uma... duas... muitas gargalhadas se ouviram e Tedy,

soltando um grito de socorro, desta vez estridente... ACOR-
DOU!

Tudo o que passara não fôra mais do que um sonho!
Desde o momento em que ouvira os três assobios até se
encontrar agarrado e emparedado vivo por uma quadrilha
de gatunos, em cujo chefe vira Tedy o empresário do cinema,
não passara dum enorme pesadelo.

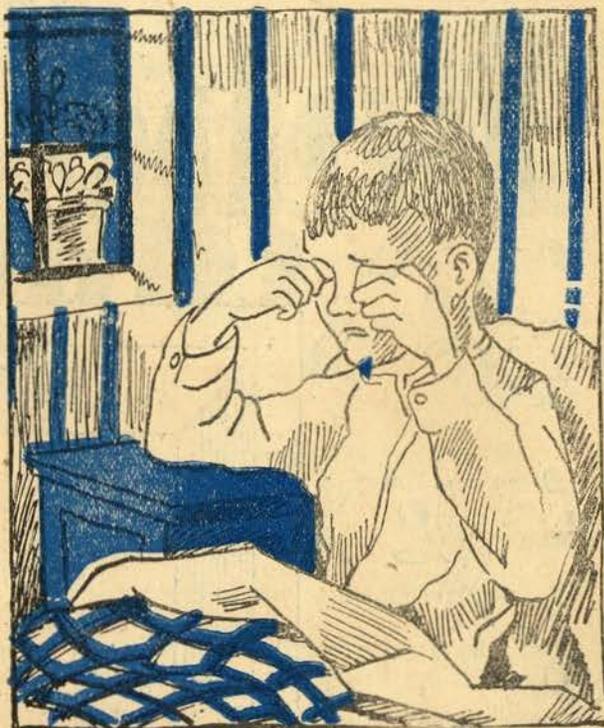


Tornou-se lhe custoso acreditar que tudo fôra um sonho
mas sossegou ao ver a seu lado seu pai e sua mãe, que,
ainda assustados pelo grito de socorro que Tedy havia sol-
e ao qual acudiram, não ousavam dizer palavra.

Quando entrou na escola ficou bastante admirado por
ouvir os seus companheiros discutirem sobre o valor do
filme a cuja exibição diziam ter assistido a noite passada.

— E quando o mascarado tentou escapar-se das mãos
do detective?! Apanhou tão grande sôco que ficou logo de
papo para o ar!

— Mas também o detective se viu aflito, e tu bem viste,
Bob, que a quadrilha já vinha socorrer o chefe e que se a
polícia demorasse mais uns minutos não sei o que seria do
detective!... Olá Tedy. Não sabes o que perdeste em não



ires ontem ao cinema! Aquilo é que foi fita! Hoje torna a
repetir-se e eu não faltarei!

— Mas... A que cinema é que tu fôste?

— A qual havia eu de ter ido. A'quele que há na tua
rua!

— Que idade tens tu?

— Tu bem sabes que tenho treze! Porque me fazes essa
pergunta?

— E' que, ontem, quando ia comprar o meu bilhete de
entrada, a bilheteira ainda estava fechada. Como uma das
portas, que pertencem também ao teatro, se encontrasse en-
treaberta deu-me na cabeça espreitar, pois havia luz
lá dentro.

— E' que viste?

— Um dos empregados da casa a pintar um aviso no
qual dizia não ser permitida a entrada a menores de 17
anos durante a exibição do filme que se estreava, e...

— Tolo! O aviso não era para a fita que correu ontem!
ouvi dizer que é para uma fita que se estreará no Domingo
e que não é própria para nós.

Foi então que Tedy compreendeu quanto podia perder
se continuasse a ser curioso como até ali tinha sido, e... á
noite, pôde vêr o filme que, pelos enormes cartazes que en-
cobriam quasi toda a frontaria do cinema, devia ser daqueles
de que mais gostava; polícias, bandidos mascarados, esca-
ladas aos mais altos prédios... etc.

F I M

SOLUÇÕES DAS ADIVINHAS, ENIGMA : : : E CHARADA ANTERIORES : : :

Da Adivinha — 1 Serpa — 2 Mora — 3 Louzã — 4 Portel — 5 Penela — 6 Portalegre.
Do Enigma — Grande coisa é não poder morrer um homem! dizia um poeta muito
mais favorecido das musas do que da fortuna. — Então, quem é que não pode morrer?
— Sou eu! — E porquê? — Porque não tenho onde cair morto.

Da Charada por Morenita — 1 Casaco — 2 Chama — 3 Carroça — 4 modo — 5
asca — 6 vezes — 7 feliz — 8 moca — 9 moda.

bóbé e campaíinha

POR GRACIETTE BRANCO

DESENHOS DE OFELIA

Na pontinha
dum pé,
Bébé
não consegue chegar
à campainha!

... Já está quasi a chorar...
... Ergue o braço...
o dedinho...

— Ah!
Por um espaço
tão pequenininho!...
... Vá...
... Vá!...
Agora é que é
Bébé,

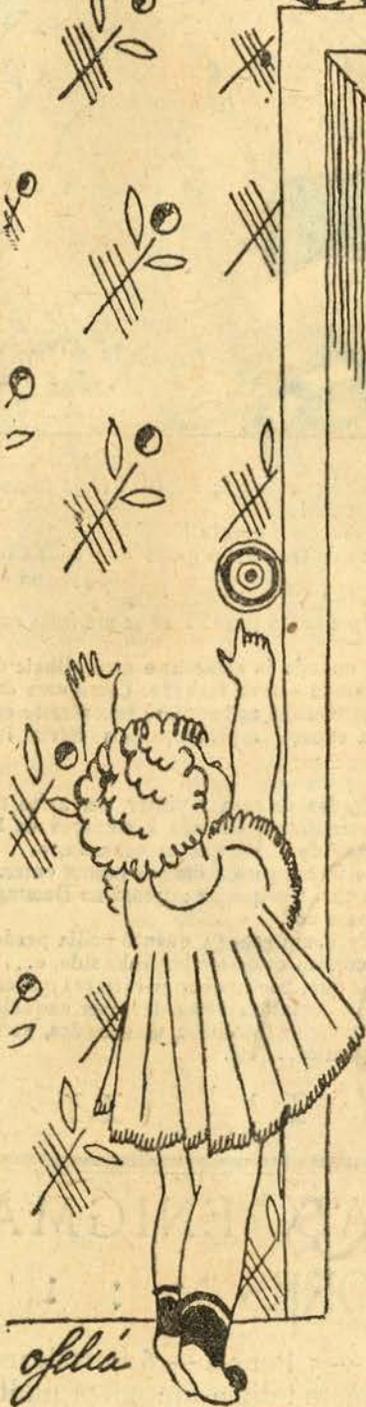
— E a suar,
a cansar,
língua de fora,
agora,
já está quasi a chegar...

... Só mais um bocadinho!...
Então, Bébé!
Então?...

Ai! O teu coração,
semelha ao coração dum passarinho!...
O vestidito
crème,
vai subindo...
e o seu corpito
lindo,
treme...
treme...
treme...

De repente,
Bébé,
contente
põe-se em pé!

Levanta a cabecinha
em bela inspiração



e começa fitando,
olhando,
investigando,
o pequeno botão
da campainha!

E, bruscamente,
assim...
num salto
muito alto:...

.....
.....
— Trim im-im im-
im im-im-im
im-im
im!

F I M

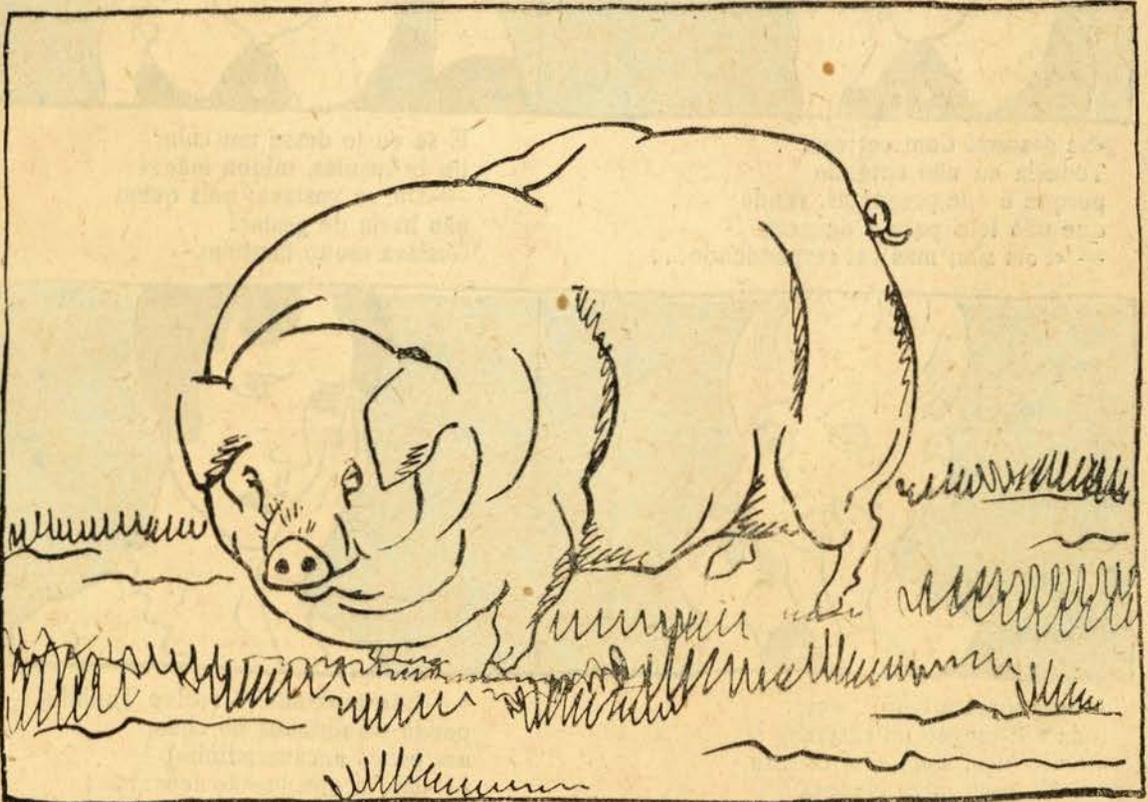
ADVINHAS

- 1.^a Qual é o monte português que é um animal?
- 2.^a Qual é a terra portuguesa que tem o nome de arvores?

HORA DE RECREIO

- 3.^a Qual é a ilha portuguesa que é um ruminante?
- 4.^a Qual é o canal português que tem o nome de aves?
- 5.^a Qual é a ilha portuguesa que não é mansa?
- 6.^a Qual é a ilha portuguesa que é nome dum mês?
- 7.^a Qual é a ilha portuguesa que é bela?
- 8.^a Qual é a serra da Europa que é um animal?
- 9.^a Qual é o rio da América que é um metal precioso?
- 10.^a Qual é a ilha que é o contrário de Porto Pobre?
- 11.^a Qual é o lago da América que é um animal?
- 12.^a Qual é a terra portuguesa que também há na América?
- 13.^a Qual é a terra portuguesa que é sentinela?
- 14.^a Qual é a terra portuguesa onde há oliveiras?
- 15.^a Qual é a terra portuguesa onde se toma banhos?

PARA OS MENINOS COLORIREM



A JARRA CHINESA



Toninho, dos mais maganos
meninos da Lourinhã,
diz à mãezinha: — «mamã,
gostavas que, por teus anos,
eu te desse um «Citröen»?»



— «Pois certamente, porém,
com que dinheiro o pagavas
se tu não tens um vintem?!»
— «Mas vai respondendo, mãe;
e uma mobília gostavas?»



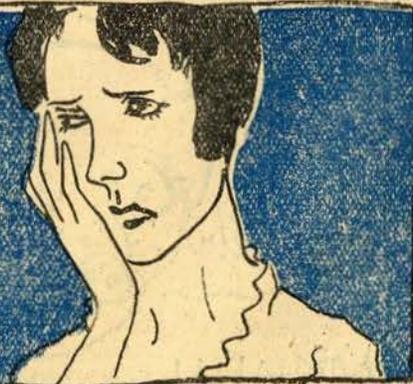
«Se gostava! Com certeza.
Todavia eu não entendo
porque é que perguntas, vendo
que não tens para a despeza?!»
— «Pois sim; mas vai respondendo...»



E se eu te desse um colar
de brilhantes, minha mãe?»
— «Oh se gostava; pois quem
não havia de gostar!
Gostava muito também.»



— «E duma artística mesa,
toda em mogno ou castanho?»
— «Gostava, sim; com certeza.»
— «E duma jarra chinesa?»
— «Isso não, porque já tenho.»



— «Não tens, não!» — (volve Toninho,
pondo os olhinhos no chão,
um pouco encavacadinho) —
— «Isso é que tu não tens, não;
pois quebrei-a há bocadinho.»